

# A IMPORTÂNCIA DA TEORIA

## Revisitando o trabalho de Raúl Cariboni

**Bruno Lima Rocha**

O artigo de difusão teórica desta semana tenta fazer um pouco de justiça com um personagem da história do Cone Sul, que está posto no esquecimento pela maioria dos intelectuais latino-americanos. Estou me referindo a Raúl Cariboni, uruguaio, professor de história e militante libertário, que ocupava o posto de secretário de formação da Federação Anarquista Uruguaia (FAU/OPR33), a partir da metade dos anos 60 até ser preso pela Forças Conjuntas da repressão, a poucos meses do golpe de 27 de junho de 1973. A ditadura, que iniciara no regime cívico-militar com o autogolpe de Bordaberry, só viria a terminar em 28 de fevereiro de 1985. Durante todo esse período, Cariboni e outras dezenas de militantes da FAU permaneceram encarcerados e, como presos políticos, eram mantidos padecendo de torturas e brutalidade. O título do texto de orientação para a militância uruguaia do início da dura e disputada década de '70 é “A Importância da Teoria”, e o apelido “Huerta Grande” (Horta Grande).

### I

Como docente e formador político, sua obra (que na verdade era coletiva, pois tinha o apoio de uma ampla equipe de trabalho) era anônima, concisa e tratava as palavras com cuidado e esmero. O ponto de partida desta pequena série de três artigos é o texto fundamental que Raúl Cariboni escreveu e coordenou sua pesquisa, conhecido como “Huerta Grande”, ou por seu nome mais científico, “A Importância da Teoria”. Nas linhas a seguir, apresento uma visão da Organização Política de tipo minoria ativa impulsionando a luta popular e não atuando como legenda de tipo partido burguês de intermediação profissional e carreiras políticas a tempo completo. A essência desse texto é a diferenciação necessária entre Teoria e Ideologia. O material foi concluído na clandestinidade, nos duros idos tempos do ano 1970.

A relevância do estudo de Huerta Grande<sup>1</sup> se dá por ser o mesmo, juntamente com o documento chamado “Copey: una crítica libertaria al problema del foco”<sup>2</sup>, os textos antecessores da matriz libertária de pensamento, eixo das análises e da escola a qual de forma convicta me afilio. Repito a relevância da forma de autoria. O autor, em suma, é o redator dos debates internos como coordenador de uma equipe de formação política e frente teórica. A intenção do documento original era aportar, de forma sintética, os conceitos básicos para a análise política (visando à incidência), a partir do corpo militante de uma Organização Política de base federalista e libertária.

---

<sup>1</sup> Para a versão de “Huerta Grande” utilizada pelo autor, acessar on-line em: [http://www.estrategiaeanalise.com.br/ler02.php?idsecao=922050d4e7d85ffb0ce2211f87d218b7&&idtitulo=80701dc83b3474f76f5d16db2f5843f6]. Para uma versão recentemente editada na internet e revisada, ver: Federação Anarquista Uruguaia. “Huerta Grande: a Importância da Teoria.”

[www.alquimidia.org/faisca/arquivosSGC/fau\_huerta\_grande.pdf] (N. E.)

<sup>2</sup> Editado em livro. Federação Anarquista Uruguaia. *El Copey: posición libertaria sobre a luta avanzada*. Porto Alegre: Editorial Combate, 2009. (N. E.)

Apresento na seqüência trechos deste texto. Surpreende o rigor e a contundência de um texto que foi escrito em 1970, ganhou este formato aqui apresentado em 1972, e tem vitalidade até o dia e o momento em que redijo estas linhas. O tamanho, pela capacidade de condensar idéias, também é surpreendente. O texto não ultrapassa 4 laudas, em corpo Times New Roman 12, justificado e com espaço simples. Na seqüência, apresento comentário, complemento ou críticas de minha autoria. Para facilitar a compreensão, neste sub-tópico, todas as citações são do original chamado de Huerta Grande e todo o texto não citado, incluindo os grifos, são meus.

O primeiro tema relevante que Cariboni aborda logo no início do texto é o “pensar corretamente”, quando este nos diz que:

Para entender o que acontece (a conjuntura) é preciso poder pensar corretamente. Pensar corretamente significa ordenar e tratar adequadamente os dados que se produzem, em quantidade, sobre a realidade. Pensar corretamente é a condição indispensável para analisar corretamente o que acontece em um país em um momento dado da História desse país ou de qualquer outro. Isso exige instrumentos. Esses instrumentos são os conceitos. Para pensar com coerência é necessário um conjunto de conceitos coerentemente articulados entre si. Se exige um sistema de conceitos, uma teoria. Sem teoria se corre o risco de pensar cada problema só em particular, isoladamente, a partir de pontos de vista que podem ser diferentes em cada caso. Ou em base a subjetividades, palpites, aparências, etc.

Nota-se que o texto aplica uma definição de que pensar corretamente significa ordenar os dados apreendidos das realidades (ao menos àquelas que são aparentes e tangíveis) e ter uma formulação discursiva coerente com os objetivos e condicionalidades às quais o corpo organizativo está subordinado. A articulação coerente do pensamento implica a utilização de um instrumental teórico, cuja dimensão “técnica” não pode amortecer e nem subestimar a dimensão ideológica (ontológica) motivadora do sistema de crenças, já desenvolvido como doutrina e que mobiliza este conjunto de homens e mulheres. A articulação coerente do sistema de pensamento instrumentalizado (através do corpo conceitual), subordinado aos objetivos, dentro de um marco estratégico e motivado (orientado) pela dimensão ideológica é o que pode possibilitar a visão totalizante.

Assim, a objetividade estratégica, é dotada de fatores como os de acúmulo, de posição, de movimento, de aglutinação, de concentração, de manobras com envergadura. Estes fatores estão dentro de um marco totalizante de um sistema de pensamento político-estratégico, que é uma teoria formada por conjunto de conceitos coerentes e articulados entre si. Deste modo, pode a Organização superar as particularidades, subjetividades, impressionismos e especificidades de cada conjuntura, sujeito social, frente de inserção e ambiente onde se está incidindo.

Cariboni segue na crítica e análise preditiva da importância da articulação da teoria com a prática política: “um partido/organização pode evitar graves erros porque pensou a si mesmo a partir de conceitos que tem um grau importante de coerência. Também cometeu erros graves por um insuficiente desenvolvimento de seu pensamento teórico enquanto Organização”.

Entendo que a observação acima se aplica na diferenciação de Programa de Trabalho para

uma Linha Geral de agitação pautada pelo calendário de reivindicações já consagradas, datas históricas e a pauta das eleições parlamentares e para o Executivo. O desenvolvimento teórico e a boa medição das relações sociais do entorno da organização podem assegurar o grau de realismo necessário e a percepção daquilo que é transcendente à própria idiosincrasia do ambiente interno. É preciso ter em mente a busca incessante do Estado da Arte da Teoria Política de Intenção de Câmbio Profundo. Este aprimoramento deve ultrapassar os limites do “preciosismo intelectual”, sendo aquilo que habilita a localização do corpo coletivo (a si mesmo), aos setores de classe que se pretende organizar/representar e a sociedade concreta existente dentro dos limites espaciais onde se está inserido.

Incorporar o rigor da análise de um trabalho para um corpo especializado que fomenta e alimenta o debate interno necessário para o balizamento preciso deste agrupamento humano que se organiza como associação voluntária integrativa. Esta tarefa, de animação permanente, intenta fazer dos militantes a massa crítica com alguma capacidade de formulação, de modo que a universalização dos conceitos básicos e de uma carga razoável de informações possibilite o nível formativo necessário para dar existência real às determinações orgânicas de democracia interna.

Indo ao encontro do que afirma Cariboni, vemos a sua definição de programa e linha política.

Sem linha para o trabalho teórico, uma Organização, por maior que seja, é confundida por condições que ela não condiciona nem compreende. A linha política pressupõe um programa, ou seja, as metas que se quer alcançar em cada etapa. O programa indica que forças são favoráveis, quais são os inimigos e quem são os aliados circunstanciais. Mas para saber isso é preciso conhecer profundamente a(s) realidade(s) do país. Por isso, adquirir agora esse conhecimento é a tarefa prioritária. E para conhecer é preciso teoria.

Os ensinamentos da geração de Raúl Cariboni além dele próprio, nos oferecem condições de pensarmos corretamente para solucionar os problemas para uma atuação a partir dos setores de classes oprimidas de hoje. Existe a necessidade de se avançar numa Teoria de corte totalizante conhecida como interdependência estrutural, e a partir dessa, apontar a uma Teoria de Processo de Radicalização democrática que dá o suporte para pensar em termos estratégicos. Na ausência desta Teoria de Câmbio Profundo – através da expansão da democracia direta e participativa como motor de lutas populares – não há mudança estrutural alguma, pois inexistem os agentes políticos que a isso se propõem. Assim, a coerência conceitual obriga a existência de um corpo teórico à altura desse desafio e proposta.

**24 de setembro de 2009**

## II

“Huerta Grande, esse pequeno documento com sólida base estruturalista, aponta para o papel do mundo das idéias e da ciência para o acionar político do campo do movimento popular e das organizações específicas que se posicionam como motor destas lutas. Dentro desse marco de conceitos operacionais estão os de Linha, Programa e Etapa, conforme vemos abaixo:

Sem linha para o trabalho teórico, uma Organização, por maior que seja, é confundida por condições que ela não condiciona nem compreende. A linha

política pressupõe um programa, ou seja, as metas que se quer alcançar em cada etapa. O programa indica que forças são favoráveis, quais são os inimigos e quem são os aliados circunstanciais. Mas para saber isso é preciso conhecer profundamente a(s) realidade(s) do país. Por isso, adquirir agora esse conhecimento é a tarefa prioritária. E para conhecer é preciso teoria.

Entendo que as formulações acima nos oferecem uma modelagem visível das carências, acertos, virtudes e mazelas do pouco ou muito trabalho teórico, da suficiente ou da falta de aplicação de métodos científicos na lida política. Podemos concluir que o bom conhecimento das realidades, somado à qualidade de intervenção de acordo com o objetivo finalista, é o fruto direto da capacidade teórica (aqui caracterizado como um sistema de conceitos coerentemente articulados), somado com a metodologia analítica para a incidência (sendo esta a sobreposição do pensamento histórico-estrutural aplicado sobre um tabuleiro de análise estratégica) e estando a dimensão ideológica preservada e retroalimentada pelo fazer da política cotidiana.

Por contraposição lógica, o pouco conhecimento das realidades (a baixa compreensão da sociedade concreta e seus constrangimentos estruturais), em geral facilita a mística interna esterilizante. Esta “mística exagerada e esterilizante”, se caracteriza por um discurso excessivamente emotivo e que somente se retro-alimenta, fazendo a confusão intencional entre culto da simbologia com a frieza analítica que é pré-condição para qualquer incidência de longo prazo. Este discurso político se materializa para o público externo, em geral, através de um programa muito aberto, de linha pouco coerente (com evasivas conceituais e baixa coerência interna), o que corresponde na qualificação da incidência política em um caráter excessivamente agitado.

Somo aos fatores citados acima a necessidade da qualidade da intervenção, caracterizando-se a coesão, a partir do âmbito interno para o externo, como um perfil de estilo de trabalho político. Esta forma de procedimento atua tanto nas instâncias política específicas, como na política-social, social e do associativismo como um todo. Afinal, nas arenas públicas, a conduta de seus membros é a materialidade da intervenção organizada da agrupação que se pretende fomentadora de câmbio profundo. O trabalho de Cariboni aponta também o estilo, a forma de intervenção, quando a organização é identificada além do arsenal simbólico característico da política, mas também pela coerente articulação discursiva e analítica materializada na intervenção política de seus membros.

Do ponto de vista metodológico, a teoria política de matriz libertária tem de dialogar com outras teorias, que não ocupem o mesmo espaço, mas que possam ser úteis para as análises e incidências necessárias para o desenvolvimento desta organização. Assim, segundo Cariboni, o ponto do diálogo, se dá na formulação de conceitos operacionais adequados na doutrina já pré-existente. “Teremos, então, que tomar a teoria conforme vamos elaborando, analisando-a criticamente. Não podemos aceitar qualquer teoria de olhos fechados, sem crítica, como se fosse um dogma.” Esta afirmativa implica em reconhecer e criticar, simultaneamente, e não iludir-se com a elaboração intelectual de outros.

Isto eu compreendo que também caracteriza um repúdio orgânico às adesões de tipo “clichê”. No termo aplicado abaixo, “cartazinho da moda”, é a crítica de Cariboni (com a qual faço acordo) da citação pela citação, pela profusão de discurso com pretensões científicas, mas cuja importação de paradigmas estranhos e tipos ideais inaplicáveis tornam esse mesmo esforço inócuo e estéril. Se isso pode ser desastroso na produção acadêmica de um

trabalhador intelectual, para uma equipe de formação política que tem como meta alimentar a capacidade de análise, tal esterilidade é a negação da instância em si mesma. Entendo que por isso a crítica abaixo é tão contundente.

Não iremos adotar uma teoria para pô-la em um "cartazinho de moda". Para viver repetindo "citações" que outros disseram em outros lugares, em outro tempo, a propósito de outras citações e problemas. A teoria não é para isso. Para isso a usam os charlatães. [...] Quem compra um grande torno moderno e, ao invés de tornear fica falando do torno, faz um mau papel, é um charlatão. Da mesma forma aquele que, podendo ter um torno e usá-lo, prefere tornear a mão, porque era assim que se fazia antes...

Neste ponto acima vejo uma aproximação da crítica intramuros do círculo virtuoso do mundo acadêmico, do conhecimento enquanto representação. É notado o elogio, mesmo que através de outros termos, do conhecimento enquanto um produto tangível e de aplicação estratégica. Isto se dá, analiso, porque no texto de Cariboni não se aventa a possibilidade de aplicação de um conhecimento fruto de método científico e cabedal teórico coerente, por fora do marco orgânico e da intencionalidade de ser um agente de câmbio.

A caracterização do “charlatão” como aquele que faz “um mau papel”, e vejo como perfeitamente aplicável na atualidade. Pode ser visto este “mau papel” tanto entre operadores políticos e acadêmicos, dentre os que produzem discursos intangíveis ou importam categorias desnecessárias ou imaterializáveis em nossas sociedades. Vale observar que quando generalizo “nossas sociedades”, me refiro às sociedades concretas existentes na América Latina, englobando países, regiões, territórios ou grandes divisões como: Cone Sul, Zona Andina, Caribe, Centro-América, dentre outras.

Voltando a charlatanice do cartazinho da moda e da citação pela citação, estes absurdos se dão seja pela complexidade argumentativa desacompanhada de uma fórmula de incidência, seja pelos que apenas copiam como os que aplicam tipos idéias pré-formatados. A pretensão universal de uma categoria ou um conjunto de predições categóricas, assim como a capacidade que um conhecimento tem de fazer do outro o particular e a si mesmo o conhecimento global é fruto tanto da correlação de forças como do potencial simbólico dos “charlatães”. A diferença do “grau de fracasso”, sem entrar no mérito valorativo do que seria pior, é que o epistemicídio que nos fala Boaventura de Souza Santos, quando aplicado na prática política resulta em fracassos de fins trágicos.

O mesmo se dá na comparação da tecnologia a ser empregada, ironizando “quem prefere tornear a mão, porque assim se fazia antes...”. Na política, o anacronismo tático pode levar a uma esterilidade das idéias-guia, justo pela incompatibilidade que estas idéias de tipo doutrina terão na aplicação teórica. O equívoco estratégico, fruto da confusão e “cegueira valorativa” daquilo que é tático e do que é estratégico para atender aos objetivos finalistas através de uma estratégia permanente, segundo os fins e as condicionalidades, costuma cobrar um preço elevado para os que cometem erros básicos.

Entendo que se nota acima, na citação do original de Cariboni, a preocupação em produzir teoria cujo produto de análise seja tangível, acessível, compreensível, tendo factibilidade entre a prática discursiva e a incidência organizativa cotidiana. Isto se dá, porque a preocupação maior não é nem com o proselitismo político e nem com a fundamentação da filosofia política. Embora estes dois fatores sejam relevantes, o que importa é a tangibilidade adequada

ao terreno, ao espaço geográfico, inserida no tecido social e na estrutura de classes a partir de onde se opera e se organiza.

O conhecimento enquanto representação se confunde e mescla a teoria com a dimensão ontológica pura (ideológica), tornando assim, a teoria, em muito algo pouco científico, acercando-a a mais uma peça de discurso atuando como um espelho de um sistema de crenças com pretensões científicas. A confusão e o apontar de algumas diferenças entre teoria com ideologia é abordada na seqüência, no último artigo da série da releitura do trabalho coordenado e sistematizado por Raúl Cariboni em 1970. Encerro estas linhas chamando a atenção para a atualidade do pensamento político quando se torna clássico e teoricamente válido. Tal é o caso da Horta Grande, que segue semeando novas proposições teóricas para o pensamento de matriz libertária.

**1º de outubro de 2009**

### **III**

A ênfase de “Huerta Grande” está em precisar conceitos que diferenciem de forma categórica a ideologia da teoria, ou seja, do campo das aspirações, representações, idéias difusas, símbolos e identidades, do campo da articulação conceitual coerente, que é inspirada na ideologia, mas desenvolvida de modo científico e não somente com os engajamentos individuais e coletivos. Para dirimir a confusão e apontar de algumas diferenças entre teoria com ideologia é abordada na seqüência esta fração de texto.

A análise profunda e rigorosa de uma situação concreta, em seus termos reais, rigorosos, objetivos, será assim uma análise teórica de caráter o mais científico possível. A expressão de motivações, a proposta de objetivos, de aspirações, de metas ideais, isso pertence ao campo da ideologia. A teoria torna precisa, circunstancializa as condicionantes da ação política: a ideologia motiva-a e a impulsiona, configurando-a em suas metas "ideais" e seu estilo. Entre teoria e ideologia existe uma vinculação estreita, já que as propostas destas se confundem e se apóiam nas conclusões da análise teórica. Uma ideologia será tanto mais eficaz como motor da ação política, quanto mais firmemente se apóie nas aquisições da teoria.

Esta definição acima é uma necessidade que entendo ser atual. Isto porque a confusão entre teoria e ideologia é presente e permanente tanto no campo da prática política como na perspectiva do trabalhador intelectual com vocação científica e acadêmica. No rigor da proposta, Cariboni diferencia a dimensão ideológica, que eu denomino ideológica-doutrinária, e dialoga com a proposta onde modestamente tenho adesão, caracterizando a dimensão ontológica como sendo de natureza não-científica (portanto equivalente à dimensão ideológica). Já a teoria, pela interpretação que faço de Cariboni, equivale às dimensões intrínsecas e extrínsecas do esqueleto-teoria; e o seu produto tangível, quando aplicado na incidência, tem seu equivalente na prática política.

A meta de desenvolvimento da teoria é equivalente ao grau de especificidade necessário para a mesma. Manter a capacidade totalizante sem frear os avanços é uma equação delicada e que cabe à Organização Política definir. Entendo que não há limites para o desenvolvimento intelectual, mas há limites para o trabalho teórico. A massa de dados, de informações brutas,

que passem pelo ciclo de inteligência, será tão operacional quanto à capacidade de gerar um bem tangível com este ordenamento. Uma massa de dados brutos e bem analisados pode fundamentar um discurso acachapante. Este mesmo discurso será tão ou mais contundente à medida que as categorias centrais estejam definidas e postas em conflito com as categorias usadas pelo adversário. O parágrafo abaixo aborda de forma contundente as limitações do trabalho de uma frente teórica vinculada a uma organização política. Esta analogia pode ser feita também com o conhecimento produzido em nossas sociedades e que se localizam no campo das ciências humanas e sociais aplicadas.

Fica dito com isso que o processo de conhecimento da realidade social, como o de toda realidade objeto de estudo, é suscetível de um aprofundamento teórico infinito. Assim como a física, a química e outras ciências podem aprofundar infinitamente o conhecimento das realidades que constituem seus respectivos objetos de estudo, a ciência social pode aprofundar indefinidamente o conhecimento da realidade social. Por isso é inadequado esperar um conhecimento "acabado" da realidade social para começar a atuar sobre ela tratando de transformá-la. Não menos inadequado é tentar transformá-la sem conhecê-la a fundo.

Sendo o conhecimento “suscetível de um aprofundamento teórico infinito”, Cariboni afirma ser esta capacidade interminável, inesgotável. Portanto, o grau de medição da profundidade necessária para influir e incidir sobre e desde uma determinada sociedade tem de ser algo definido. O debate típico entre comparatistas e especialistas não cabe em uma frente teórica de uma Organização Política. Se por definição ideológica o modelo aqui advogado não entende como legítima a limitação do desenvolvimento intelectual, este mesmo modelo se pauta por uma operacionalidade. Assim como entendo ser a normatividade interessante para a ciência política, desde que a mesma pautar e fomente a tangibilidade dos conhecimentos, não cabendo neste propósito, portanto, a teoria normativa pura. Por vezes, o excesso de dados complexifica de tal forma a análise que torna a mesma inoperante. O mesmo vale para modelos abstratos e cujas variáveis são tão grandes que só podem se dar sobre uma linguagem de equação matemática e cuja modulação só é viável através de um programa de computação altamente desenvolvido.

Tal como afirma Cariboni no parágrafo acima, a medida da profundidade deve ser determinada de acordo com o desenvolvimento teórico, a massa crítica e a capacitação dos analistas. O preciosismo das pequenas variações semânticas, marcados pela “guerra de posições” entre intelectuais especializados, em geral com carência de definição substantiva dos próprios conceitos – ou dos fenômenos conceituados e caracterizados – são tão inúteis para análise política como a simplificação absurda e o temor a complexidade societária que vivemos. Para o Jogo Real da Política, não cabem nem preciosismos alimentados na vaidade intelectual e menos ainda os esquemas importados de outras sociedades. A validade se dá na articulação coerente de um sistema de conceitos que gera um grau de certeza suficiente e que não se confunde com a cegueira teórica e a distorção simbólica - fruto da análise pobre e da pouca crítica interna.

A crítica a esta confusão entre discurso ideológico e pobreza teórica é caracterizada por Cariboni. Impressiona a validade de seu discurso.

Em uma realidade como a nossa, com a formação social de nosso país, o desenvolvimento teórico tem que partir, como em todas as partes, de um conjunto

de conceitos teóricos eficazes, operando sobre uma massa o mais ampla possível de dados, que se constitua a matéria prima da prática teórica. Os dados por si só, tomados isoladamente, sem um tratamento conceitual adequado, não dão noção da realidade. Simplesmente adornam e dissimulam as ideologias a cujo serviço se funcionalizam aqueles dados. Os conceitos abstratos, em si mesmos, sem se encaixar em uma base informativa adequada, não aportam tampouco ao conhecimento das realidades. O trabalho no campo teórico que se desenvolve em nosso país, flutua habitualmente entre ambos extremos errôneos.

No trecho acima, Cariboni traça a diferença entre conceito operacional e conceito abstrato. Como já dissemos antes, a abstração faz parte das idéias-guia, dos conceitos doutrinários, não cabendo a função de conceitos essencialmente abstratos para a prática teórica aqui apresentada. O tema da “dissimulação da ideologia” a vejo não como a caracterização da ideologia como falsidade, mas sim com o mascaramento das opções doutrinárias como sendo de “ordem técnica”. Por estar em contra esta postura, posição esta que faço acordo, o autor uruguaio faz a crítica simultânea tanto do empirismo como da teoria normativa pura.

No caso da empiria pura e bruta, afirma que quando a massa de dados não tem ordenamento lógico e nem atende a uma dimensão ideológica previamente definida, a mesma está ordenada por um discurso síntese fruto de uma ideologia que não se apresenta de forma explícita. Esta dissimulação a faz naturalizar-se, sacando assim a capacidade de criticá-la tendo como exemplo e raciocínio justamente a ordenação de dados na forma de um discurso coerente. Já a crítica dos conceitos abstratos, se os mesmos não aportam ao conhecimento da realidade, estes são falsificadores da percepção do real. Afastando a teorização sobre a sociedade da dimensão societária para e desde onde se quer produzir teoria, este corpo conceitual também se confunde com a dimensão ontológica (ideológica), quando muito aporta algo de doutrina, mas não de incidência e muito menos de predição e antecipação de cenários.

Apresentei neste subtópico os recortes e fragmentos do texto original de Cariboni, e julguei por bem não comentá-lo todo, apenas as partes mais relevantes para estes três artigos que se articulam entre si. Infelizmente, as linhas e palavras acima, longe de serem de uso comum dos operadores de prática política e dos trabalhadores intelectuais das variações e subcampos da análise política, estão sendo abandonadas e perdidas ao léu da ignorância e da falta de base de raciocínio analítico.

Digo isso não com júbilo ou com pretensões de arrogância intelectual, mas como uma triste constatação de abandono da teoria como interpretação de um modo onde se deve incidir para transformar. Dessa forma, a própria teoria se assemelha a fantasia de meta linguagens auto-referenciadas, onde se dialoga quase sempre apenas entre supostos “sábios” contaminados por seus próprios egos auto-inflados. Como já afirmei em outras ocasiões, a crise de uma esquerda sem rumo deve ser superada pela determinação da certeza ideológica e do ajuste da ferramenta teórica. Neste sentido, o aporte coletivo do qual Cariboni foi coordenador eleito é uma grande contribuição para as mulheres e homens que voluntariamente se posicionam dessa forma perante as sociedades concretas da América Latina.

**08 de outubro de 2009**

**\* Artigos originalmente publicados no portal do Instituto Humanitas da Unisinos (IHU).**